



## ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

### Vol. XI (2010)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

---

### ***Método geográfico, cartografia e geopolítica: a propósito da reedição da História do Brasil nos velhos mapas de Jaime Cortesão***

Francisco Roque de Oliveira 

---

#### **Como Citar | How to Cite**

Oliveira, Francisco Roque de. 2010. «Método geográfico, cartografia e geopolítica: a propósito da reedição da História do Brasil nos velhos mapas de Jaime Cortesão». *Anais de História de Além-Mar* XI: 225-246. <https://doi.org/10.57759/aham2010.37317>.

#### **Editor | Publisher**

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

#### **Copyright**

© O(s) Autor(es), 2010. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2010. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

## MÉTODO GEOGRÁFICO, CARTOGRAFIA E GEOPOLÍTICA: A PROPÓSITO DA REEDIÇÃO DA *HISTÓRIA DO BRASIL NOS VELHOS MAPAS* DE JAIME CORTESÃO

por  
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA \*

### O Brasil de Cortesão

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda acaba de reeditar a *História do Brasil nos velhos mapas*, obra parcialmente póstuma do historiador e poeta português Jaime Cortesão (1884-1960)<sup>1</sup>. Trata-se de um trabalho que conheceu uma primeira edição com a chancela do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Rio de Janeiro, 2 vols., 1957-1971). Na altura, a conclusão deste projecto editorial foi supervisionada por Isa Adonias, antiga aluna de Cortesão e entretanto nomeada chefe da Mapoteca do Palácio do Itamaraty. Desde sempre quase inacessível fora do Brasil, este texto reúne algumas das principais investigações que Cortesão desenvolveu sobre a história da cartografia do Brasil durante os anos em que viveu exilado neste país (1940-1957).

A presente edição da Imprensa Nacional recupera o trabalho completado por Isa Adonias, incluindo as notas que esta investigadora brasileira entendeu dever acrescentar aos materiais deixados por Cortesão quando preparou a publicação do segundo tomo da obra. Por vicissitudes várias,

---

\* Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. E-mail: f.oliveira@campus.ul.pt

<sup>1</sup> Jaime CORTESÃO, *História do Brasil nos velhos mapas*, 2 Tomos, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, 469 pp., 25 ils. (Tomo I) + 457 pp. (Tomo II) (Obras Completas de Jaime Cortesão – 11). ISBN 978-972-27-1795-3 (Tomo I); ISBN 978-972-27-1796-0 (Tomo II). Tomámos esta edição para todas as referências e citações desta obra realizadas ao longo do presente artigo. As indicações correspondentes aparecem no corpo do texto, entre parêntesis, precedidas da abreviatura *HBVM*.

também se haviam extraviado várias das ilustrações que acompanhavam o manuscrito original entregue por Cortesão ao Instituto Rio Branco, antes do seu regresso definitivo a Portugal. Na edição do Rio de Janeiro, tal lacuna foi colmatada com recurso a desenhos e mapas pertencentes ao acervo da Mapoteca do Itamaraty, que completam a sequência de 25 figuras anexadas no termo do 1.º volume. Nesta edição portuguesa, voltam a incluir-se tais ilustrações, mas agora intercaladas no corpo do texto em vez de agrupadas em separado, como acontecia na impressão feita em 1957. A apresentação vem assinada por Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra), que passa em revista os principais passos do longo exílio brasileiro de Jaime Cortesão e reflecte sobre as “concepções estruturais” do autor acerca da formação espacial do Brasil e o modo como se aproximou dos mapas tendo em vista iluminar esse seu objecto central de pesquisa<sup>2</sup>.

A primeira investigação historiográfica de Jaime Cortesão em torno de temas brasileiros surgira ainda durante a década de 1920, nos anos em que ocupou o cargo de director da Biblioteca Nacional de Lisboa (1919-1927) e na mesma altura em que a sua dedicação à escrita literária – à poesia e ao teatro, sobretudo – deu lugar a uma maior compenetração na racionalidade própria do ofício de historiador<sup>3</sup>. Estes prolegómenos correspondem à colaboração que prestou à *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (Porto, 1921-1924), obra colectiva coordenada por Carlos Malheiro Dias no quadro das celebrações do centenário da independência brasileira. O artigo em causa, intitulado “A Expedição de Cabral: 1500”, sairia no 2.º volume deste trabalho (1923), tendo conhecido, quase simultaneamente, uma versão alargada e autónoma: *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil* (Lisboa, 1922). Este texto deverá ser confrontado com o artigo “A expedição de Pedro Álvares Cabral e a Família Marchioni”, que Cortesão fez aparecer na *Seara Nova* (n.º 8, 15 de Fevereiro de 1922), revista que idealizou concretizar a formação doutrinária e cívica da elite portuguesa e da qual o autor fora um dos fundadores, em 1921<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Joaquim Romero MAGALHÃES, “Apresentação”, in Jaime CORTESÃO, *História do Brasil nos velhos mapas*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 13-17.

<sup>3</sup> Ver Joaquim Romero MAGALHÃES, “No trilho de uma ambição: o poeta-historiador Jaime Cortesão (1910-1927)”, *Cadernos da Revista de História Económica e Social – Cidadania e História em Homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, 6-7, 1985, pp. 27-42.

<sup>4</sup> Ver Jaime CORTESÃO, “História de uma História”, in Souza Cruz – Juízos sobre a sua vida e a sua obra. *Homenagens que lhe foram prestadas em 1 de Setembro de 1944 no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro/Lisboa, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 55-57; Nuno SIMÕES, “Jaime Cortesão e o Brasil”, in *Homenagem a Jaime Cortesão – Alocuções proferidas na sessão de homenagem promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 26 de Janeiro de 1961, Separata da Revista ‘Ocidente’ – Volume LXI*, Lisboa, 1961, pp. 28-29; Avelino Teixeira da MOTA, “Jaime Cortesão, Historiador da Expansão Portuguesa”, in *Homenagem a Jaime Cortesão – Alocuções proferidas na sessão de homenagem promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 26 de Janeiro de 1961, Separata da Revista ‘Ocidente’ – Volume LXI*, Lisboa, 1961, pp. 48-49; Óscar LOPES (coord.), *Jaime Cortesão*, Lisboa, Editora Arcádia, [1962], pp. 29-30; João Sarmento PIMENTEL e Adolfo Norberto LOPES, *Sarmento Pimentel ou uma geração traída – Diálogos de*

A ditadura militar instituída em 1926 forçará Cortesão a um penoso exílio em França e em Espanha, que se prolongou até 1940. Durante o período da sua primeira permanência na Espanha republicana, que decorreu entre 1931 e 1934, reencontramos os temas brasileiros entre as mais de 500 páginas dos onze capítulos que preparou para a *História de Portugal* dirigida por Damião Peres (Barcelos, 1931-1934) e que representam a primeira síntese que fez sobre o processo dos descobrimentos e da expansão portuguesa. É o caso de “Colonização do Brasil” (in vol. 4, 1932), “Colonização dos Portugueses no Brasil (1557-1640)” (in vol. 5, 1933) e “A integração do território do Brasil” (in vol. 6, 1934). Outro tanto sucede com as páginas escritas para a *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, projecto editorial dirigido por António Baião, Hernâni Cidade e Manuel Múrias (Lisboa, 1937-1940). Aí surge o importante artigo “Relações entre a geografia e a história do Brasil”, seguido de “Expansão territorial e povoamento do Brasil” (in vol. 3, 1940).

Ao longo das duas décadas seguintes, Cortesão destacar-se-á pela abordagem integrada que concretiza sobre os temas da história da colonização do Brasil – a um tempo, estudo das condições geográficas, económicas e sociais, mas que também não esquece o papel tantas vezes determinante que os protagonistas individuais logram alcançar sobre as suas circunstâncias e o modo como a investigação centrada num destino pessoal pode ilustrar o tempo que lhe coube viver. Para o domínio desse método que tornará possível o inquérito ao “quadro geral das causas”, muito contribuirá a síntese que entretanto conseguira concretizar em dois artigos originalmente publicados em volume pelos *Cadernos da Seara Nova*, em 1940: “Teoria geral dos descobrimentos portugueses” e “A geografia e a economia da Restauração”.

---

Norberto Lopes com o autor das “*Memórias do capitão*”, prefácio de Vitorino Nemésio, Lisboa, Editorial Aster, 1976, pp. 159-161; Maria Isabel João, “Organização da memória”, in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. IV, *Do Brasil para África (1808-1930)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 399; Elisa Neves TRAVESSA, *Jaime Cortesão – Política, História e Cidadania (1884-1940)*, Porto, ASA Editores, 2004, pp. 145-165; Marie-Jo FERREIRA, “Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX - início do século XX”, *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, pp. 5-8 Actualizado em 2004. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf)>; Ana Lúcia Lana NEMI, “Jaime Cortesão e Paulo Prado: ‘As afinidades electivas’ na leitura da memória do Império”, in *Actas do Congresso Internacional “Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e Sociedades”*, Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 2005, Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica Tropical, p. 4 [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ana\\_lucia\\_lana\\_lemi.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ana_lucia_lana_lemi.pdf)>; Jorge Luís dos Santos ALVES, “A memória do lusobrasileirismo na historiografia brasileira: a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*”, in *Anais da 26.ª Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Rio de Janeiro, 2006, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, pp. 1-6 [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Jorge\\_Luis\\_dos\\_Santos\\_Alves/](http://sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Jorge_Luis_dos_Santos_Alves/)>.

Ambos os textos foram também incluídos entre as publicações do *Congresso do Mundo Português*, do mesmo ano<sup>5</sup>.

Entre o mais, Cortesão confirmava aqui uma visão muito particular da importância da geografia – melhor, da geografia humana – para o entendimento da história. O historiador-geógrafo que se afirmava nestas páginas revelava-se devedor de um convívio demorado com os *Annales de Géographie* e com autores como Camille Vallaux e Jean Brunhes, o qual fora encetado ainda antes do seu primeiro exílio francês<sup>6</sup>. Como veremos já a seguir, para o enquadramento da *História do Brasil nos velhos mapas* Cortesão manterá bem viva essa lição aprendida com os mestres da escola francesa de geografia – algo a que alguns dos seus continuadores imediatos, figuras de referência da historiografia portuguesa dos descobrimentos e da expansão ultramarina da segunda metade do século XX, apenas lamentariam não ter sido acompanhado por igual atenção ao sentido do económico e às análises estruturais cultivadas em torno dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale* fundados por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929<sup>7</sup>.

Depois da ditadura salazarista o ter obrigado a abandonar Portugal com o carimbo de “banido” no passaporte (20 de Outubro de 1940), Jaime Cortesão encontra refúgio no Rio de Janeiro e âncoras também seguras em São Paulo. À mesquinha e imperdoável injustiça que lhe era feita, a grandeza do historiador responde com estudo afincado e uma série de notáveis trabalhos individuais e colectivos sobre a história do Brasil, evoluindo do

---

<sup>5</sup> Ver Neves ÁGUAS, *Bibliografia de Jaime Cortesão – Edição comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento de Jaime Cortesão*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, pp. 44-45 e 72-73; José Rodrigues MIGUEIS, “Uma visita à Ibituruna”, in Jacinto BAPTISTA (coord.), *Jaime Cortesão – Raul Proença. Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, pp. 299-300; Alfredo Ribeiro dos SANTOS, *Jaime Cortesão – Um dos grandes de Portugal*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1993, pp. 276-277.

<sup>6</sup> Ver Jaime CORTESÃO, *Os Descobrimentos pré-colombinos dos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 13-15; Vitorino Magalhães GODINHO, “Presença de Jaime Cortesão na Historiografia Portuguesa”, in Jaime CORTESÃO, *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974, pp. XIII-XLIV; idem, “A evolução dos complexos histórico-geográficos”, in *Ensaio II – Sobre História de Portugal*, 2.ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978, pp. 19-28; Jorge Borges de MACEDO, “A teoria da História de Jaime Cortesão”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 60-63; J. R. MAGALHÃES, “No trilho de uma ambição...”, p. 44; José Manuel GARCIA, “Apresentação”, in Jaime CORTESÃO, *Os Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, pp. XVII-XVIII; Nanci LEONZO, “Jaime Cortesão: um condestável em terras brasileiras”, *Revista da Cátedra Jaime Cortesão*, São Paulo, vol. 1, n.º 1, 1.º semestre 1997, pp. 42-43; E. N. TRAVESSA, *Jaime Cortesão...*, pp. 247-250; João Marinho dos SANTOS, “O astrónomo-historiador Duarte Leite”, in João Marinho dos SANTOS e José Manuel Azevedo e SILVA, *A historiografia dos descobrimentos através da correspondência entre alguns dos seus vultos (Joaquim de Carvalho, Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004, pp. 128-137.

<sup>7</sup> Ver Vitorino Magalhães GODINHO, “Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Ultramarina”, in Alfredo Pinheiro MARQUES, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa – Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, p. 15.

momento do descobrimento à história diplomática do Brasil império, passando pela história dos bandeirantes e pelos assuntos da cartografia antiga que aqui destacamos.

Este legado é tanto mais importante quanto as investigações relativas ao Brasil colonial quase haviam sido interrompidas em Portugal depois da publicação da *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, que a colónia lusa radicada no Brasil e o governo da Primeira República (1910-1926) haviam sabido impulsionar pouco depois de terminada a participação portuguesa na Grande Guerra<sup>8</sup>. As exceções tinham sido e continuariam a ser pontuais até à década de 1970, como que sugerindo que se tratava de um tema reservado aos historiadores brasileiros desde 1822. Pensamos, em particular, nos trabalhos dedicados à acção dos jesuítas exemplificados por títulos como a monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil* de Serafim Leite (10 vols., Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950), *O Campo de São Paulo – A Companhia de Jesus e o Plano Português do Brasil (1528-1563)* de Vitorino Nemésio (Lisboa, 1954) e o *Balanço Cultural dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)* de Domingos Maurício Gomes dos Santos (Coimbra, 1955). Entre os (poucos) exemplos que escapam a esta temática, tomemos *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil (1493-1700)* de Luís Ferrand de Almeida (Coimbra, 1957) e *O Rio de Janeiro no Século XVI* de Joaquim Veríssimo Serrão (Lisboa, 1964)<sup>9</sup>.

Dos títulos editados por Cortesão e das suas colaborações em livros surgidas durante o período iniciado em 1940 começam por destacar-se o longo estudo e as notas que acompanham a edição da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* feita para a Colecção Clássicos e Contemporâneos dos Livros de Portugal (Rio de Janeiro, 1943), *Cabral e as Origens do Brasil: Ensaio de Topografia Histórica* (Rio de Janeiro, 1944) e “Los Portugueses”, correspondente ao primeiro contributo que emprestou à *Historia de América y de los Pueblos Americanos* dirigida por Antonio Ballesteros y Beretta (in vol. III, Barcelona-Buenos Aires, 1947, mas cuja versão original foi redigida nos anos 30). De uma série de 62 artigos publicados no diário *O Estado de São Paulo* entre 20 de Agosto de 1947 e 24 de Julho de 1949 acabará por sair a *Introdução à História das Bandeiras* (2 vols., Lisboa, 1964). Sobre o mesmo tema dos bandeirantes e do desbravamento do interior brasileiro surgirá *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil* (Rio de Janeiro, 1958). Trata-se de

<sup>8</sup> Ver, *inter alia*, Vitorino Magalhães GODINHO, “Portugal e a Comemoração do Centenário da Independência do Brasil”, *Oceanos*, Lisboa, n.º 49, Janeiro/Março 2002, pp. 149-150.

<sup>9</sup> Ver Jaime CORTESÃO, “História de uma História...”, pp. 55-72; Damião PERES, *Albino Souza Cruz: uma vida, uma obra, um exemplo*, Lisboa/[Barcelos], [Companhia Editora do Minho], 1961, pp. 25-42; Alfredo Pinheiro MARQUES, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa – Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, pp. 105, 112-113; Vitorino Magalhães GODINHO, *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar – Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990, pp. 28-29; Francisco BETHENCOURT, “A memória da expansão”, in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. V, *Último Império e Recentrimento (1930-1998)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 476-477.



uma obra gizada aquando das investigações sobre a história da cartografia do Brasil que Cortesão realizou no Rio a partir de 1944 e que foi publicada nas Coleções do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura do Brasil<sup>10</sup>.

Entretanto, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ia editando *Manuscritos da Coleção De Angelis*, colectânea com introdução, notas e glossário preparados por Jaime Cortesão (7 vols., 1951-1970). Pouco depois, como resultado directo da sua colaboração com o Instituto Rio Branco, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil deu início à publicação de *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid* (9 vols., Rio de Janeiro, 1952-1961). Os dois primeiros volumes desta colecção (1952 e 1956) apresentam o estudo que Cortesão dedicou aos antecedentes, negociação e execução do Tratado de Madrid (1750) a pretexto da biografia e obra do diplomata luso-brasileiro Alexandre de Gusmão. De novo, a obra teve a sua génese nas pesquisas que Cortesão vinha empreendendo desde meados da década de 1940 sobre temas de história da cartografia do Brasil e que, entre muitos outros testemunhos, se encontra documentada em sínteses preliminares como aquela que foi editada na *Seara Nova* em 1950 com o título *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, retomando o tema e o conteúdo de uma conferência pronunciada pelo autor em Setembro de 1949 no Palácio do Itamaraty<sup>11</sup>.

Depois de ter coordenado a organização da Exposição Histórica comemorativa do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, que decorreu entre 1954 e 1955<sup>12</sup>, Cortesão fará sair dois títulos que aproveitam boa parte do esforço que então dedicou às origens da capital paulista: *A Fundação de São Paulo – Capital Geográfica do Brasil* (Rio de Janeiro, 1955) e a colecção de documentos intitulada *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica* (3 vols., Rio de Janeiro-Lisboa, 1956-1961). Enquanto isso, vem a lume a segunda parcela da sua contribuição para a *História de America* de Ballesteros y Beretta – esta inteiramente consagrada à terra brasileira: “Brasil –

---

<sup>10</sup> Ver N. SIMÕES, “Jaime Cortesão e o Brasil...”, pp. 30-32; Jaime CORTESÃO, *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*, vol. I, Lisboa, Portugália Editora, 1966, pp. 9-14; Nanci LEONZO, “O mistério das Bandeiras”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 116-124; José Manuel GARCIA, “Apresentação”, in Jaime CORTESÃO, *Os Descobrimentos pré-colombinos dos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, p. 9; A. R. dos SANTOS, *Jaime Cortesão...*, pp. 278-280.

<sup>11</sup> Ver Jaime CORTESÃO, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, vol. 1, Lisboa, Livros Horizonte, 1984, pp. 9-18; Joel SERRÃO, “Relance sobre a vida e a obra historiográfica de Jaime Cortesão”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 13-16; Maria Beatriz Nizza da SILVA, “Cortesão no Instituto Rio Branco”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 137-141; José Manuel GARCIA, *O essencial sobre Jaime Cortesão*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 51-52.

<sup>12</sup> Ver Daíse Aparecida OLIVEIRA, Liliane S. L. BARROS e Celina YOSHIMOTO, “No IV Centenário da cidade de São Paulo”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 127-133; A. R. dos SANTOS, *Jaime Cortesão...*, pp. 285-288; N. LEONZO, “Jaime Cortesão...”, pp. 38-41.

Libro Primero: De los Comiezos a 1799" (in vol. 26, Barcelona, 1956, mas também ultimada antes de 1940).

Conferindo os múltiplos ensaios que Cortesão foi publicando na mesma época, o Brasil confirma-se onnipresente, em especial no que toca aos assuntos de cartografia. Fogem a esta temática mais específica textos como "História de Portugal e do Brasil", "O carácter lusitano do descobrimento do Brasil" (ambos editados em Lisboa na revista *Ocidente*: n.º 31, Novembro de 1940 e n.º 39, Julho de 1941, respectivamente), a apresentação dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão escrita para a versão desta obra publicada na colecção Clássicos e Contemporâneos da Dois Mundos Editora (Rio de Janeiro, 1943), o prefácio intitulado "Recordações de Minas" que abre a 2ª edição de *A Capitania das Minas Gerais* de Augusto de Lima Júnior (Rio de Janeiro, 1943), "O pré-bandeirante Aleixo Garcia" (in *Seara Nova*, n.º 1059, 15 de Novembro de 1947), "O significado da expedição de Pedro Teixeira à luz de novos documentos" (in *Anais IV Congresso de História Nacional*, vol. 3, Rio de Janeiro, 1950), "O Padre Manuel da Nóbrega no Brasil" (in *Ocidente*, n.º 178, Fevereiro de 1953) e "O território da colónia de Sacramento e a formação dos Estados Platinos" (in *Revista de História*, São Paulo, n.º 17, Janeiro-Março de 1954).

Entre os textos de Jaime Cortesão que integram inquéritos mais ou menos extensos sobre mapas salientam-se "A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira" (in *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, Rio de Janeiro, 1944), "Mapa-múndi português, chamado de Cantino (1502)" (in *Boletim dos Serviços de Documentação das Relações Exteriores do Brasil*, Rio de Janeiro, Janeiro-Fevereiro de 1945), "A cartografia do açúcar e o seu significado histórico" (in *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, ano XIII, vol. 25, Janeiro de 1945), "Renascimento das ciências geográficas e cartográficas" (in *Ocidente*, n.º 173, Setembro de 1952) e "Cartografia antiga e geopolítica de Goiás" (in *Revista de Imigração e Colonização*, Rio de Janeiro, ano XII, n.º 1, 1952)<sup>13</sup>. Apesar da sua estrutura inacabada, a *História do Brasil nos velhos mapas* acabaria por coroar o denso empreendimento brasileiro de Jaime Cortesão, incidindo sobre um dos temas que mais aprofundou e onde o seu legado é hoje, se possível, mais presente.

### Mapas, identidade e posse do território

Poucas semanas após ter desembarcado no Brasil e iniciado os cerca de 17 anos que duraria o seu exílio neste país, Jaime Cortesão foi apresentado numa sessão especial da Academia Brasileira das Letras (14 de Novembro de 1940). No mês seguinte, proferiu em São Paulo, a convite do periódico *Gazeta*

<sup>13</sup> Ver N. SIMÕES, "Jaime Cortesão e o Brasil...", pp. 32-40; A. T. da MOTA, "Jaime Cortesão...", pp. 53-56; N. ÁGUAS, *Bibliografia...*, pp. 98 e 192; J. M. GARCIA, *O essencial...*, pp. 51-54; A. R. dos SANTOS, *Jaime Cortesão...*, pp. 278-284.



de *Notícias*, a sua primeira conferência em terras brasileiras, intitulado-a “A Certidão do Descobrimento do Brasil” (14 de Dezembro de 1940). Quase de imediato, passou a colaborar regularmente com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e com o Ministério dos Assuntos Exteriores do Brasil, entre outras instituições. Data de meados de 1942 o convite oficial que o Ministro dos Assuntos Exteriores Oswaldo Aranha lhe dirigiu no sentido de que colaborasse na realização de um *Atlas Histórico do Brasil*, projecto que nunca se concretizou, mas para o qual o historiador português deveria ter contribuído com um par de estudos introdutórios – que já estariam redigidos à altura – sobre a topografia do litoral reconhecido pela armada de Pedro Álvares Cabral<sup>14</sup>.

A 12 de Fevereiro de 1944, Cortesão foi contratado como “Assessor da Mapoteca do Itamaraty”. É no âmbito destas funções que lhe é solicitado que organize e ministre integralmente um curso sobre a história da cartografia política brasileira destinado aos funcionários do Ministério das Relações Exteriores, mas que também abriria vagas para pessoas estranhas à instituição, designadamente arquivistas, bibliotecários e outros funcionários públicos<sup>15</sup>. A primeira versão deste curso decorreu ao longo de 25 semanas, entre Abril e Novembro desse ano, no formato de uma lição semanal de uma hora, e intitulou-se “Curso de História da Cartografia do Brasil, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia”. Entre 1945 e 1950, ano em que Cortesão concluiu a sétima e última apresentação destas lições, as aulas passaram a ser dadas no recém-fundado Instituto Rio Branco, organismo destinado a preparar candidatos para o ingresso na carreira diplomática<sup>16</sup>.

A par desta transferência de sede, também o título do curso foi sendo modificado, primeiro para “História da Cartografia Política do Brasil” (em 1945) e, finalmente, para “História da Formação Territorial do Brasil” (a partir

---

<sup>14</sup> O. LOPES, *Jaime Cortesão...*, pp. 58-59; J. M. GARCIA, *O essencial...*, p. 16; Alberto PEDROSO, “Quadro cronológico (1940)”, in Jaime CORTESÃO, *13 cartas do cativo e do exílio*, recolha, introdução e notas de A. Pedrosa, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987, pp. 90-91; Robert H. MOSER, “O contributo de Jaime Cortesão para a história da cartografia do Brasil”, *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, n.º 6, Primavera 2000, pp. 242-244; idem, “The History of Cartography in Brazil in the 1940s: Jaime Cortesão’s Lecture Courses”, *Imago Mundi: The International Journal for the History of Cartography*, Londres, Vol. 57, Part I, 2005, p. 70; Francisco Roque de OLIVEIRA, “Jaime Cortesão, cartógrafo no Brasil. Gênese e conteúdo dos cursos de História da Cartografia e da Formação Territorial Brasileira leccionados no Itamaraty (1944-1950)”, in Francisco Roque de OLIVEIRA e Héctor MENDOZA VARGAS (coord.), *Mapas de metade do mundo. A cartografia e a construção territorial dos espaços americanos: séculos XVI a XIX = Mapas de la mitad del mundo. La cartografía y la construcción territorial de los espacios americanos: siglos XVI al XIX*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa; Ciudad de México: Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México, 2010, pp. 73-78.

<sup>15</sup> Ver M. B. N. da SILVA, “Cortesão...”, pp. 135-136.

<sup>16</sup> Ver Isa ADONIAS, *Jaime Cortesão e seus mapas: instrumentos didáticos para a história da cartografia do Brasil*, Rio de Janeiro, [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro], 1984, pp. IX-XI e XIV; N. LEONZO, “Jaime Cortesão...”, p. 36; F. R. de OLIVEIRA, “Jaime Cortesão...”, pp. 78-88.

de 1946). Com isto, introduziram-se alterações relativamente profundas nas matérias abordadas, as quais passaram a pautar-se por uma análise mais concentrada no estudo da documentação cartográfica preparada durante o processo político-diplomático que culminou na assinatura do Tratado de Madrid. Na sua programação, Cortesão tentou conciliar os aspectos teóricos e a componente expositiva com o trabalho prático que os próprios alunos deveriam realizar sobre os espécimes cartográficos, de modo a completarem a sua especialização neste domínio do saber<sup>17</sup>.

Como referimos, as obras que Cortesão veio a publicar sobre Alexandre de Gusmão e Raposo Tavares, cerca de uma década depois de ter iniciado a leccionação dos cursos sobre cartografia no Rio de Janeiro, correspondem, em boa medida, a um ponto de chegada da pesquisa que o historiador foi ajustando e aprofundando enquanto preparava as sucessivas aulas que decorreram entre 1944 e 1950. Em qualquer caso, foi na *História do Brasil nos velhos mapas* que Cortesão se propôs resumir todo o inquérito que realizou a partir dos riquíssimos fundos do Itamaraty, da Biblioteca Nacional do Rio e do Instituto Rio Branco tendo em vista as suas lições sobre mapas e fronteiras. Tal como sucedeu quando o percebemos associado à concepção do projecto inconcluso do *Atlas Histórico do Brasil*, Cortesão não buscou aqui escrever um livro de história da cartografia. Em vez disso, abeirou-se da fonte privilegiada que é o mapa de modo a servir a ambição mais geral de reconstrução das bases geopolíticas da formação territorial brasileira. No breve prefácio que preparou em 1952 para a *História do Brasil nos velhos mapas*, é o próprio quem recorda que a complexidade das fronteiras brasileiras tem o seu reverso no facto do Brasil ser também aquele país em que os mapas antigos “mais e melhor serviram de títulos justificativos de descobrimento, ocupação e posse nos litígios de soberania com os demais Estados da América do Sul”. A redacção deste livro, concluía aí Cortesão, devia quase tudo a essa circunstância singular (*HBVM*, Tomo I, “Prefácio”, p. 21).

A escrita da *História do Brasil nos velhos mapas* organiza-se em redor desta consciência a respeito do papel instrumental da cartografia dada pela conversão do concreto em abstracto que os poderes empenhados no seu domínio operam na generalidade das vezes em que promovem a feitura

---

<sup>17</sup> M. B. N. da SILVA, “Cortesão...”, pp. 135-137; R. H. MOSER, “O contributo...”, pp. 238, 248-250 e 252-255; idem, “The History of Cartography...”, pp. 70-72; F. R. de OLIVEIRA, “Jaime Cortesão...”, pp. 88-93; idem, “História da cartografia brasileira e mapoteconomia segundo Jaime Cortesão: o curso do Itamaraty de 1944”, in 3.º *Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia: Agendas para História da Cartografia Iberoamericana*, São Paulo, abril de 2010 – *Memórias do evento*, São Paulo, Laboratório de Geografia Política (Departamento de Geografia – USP), Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica (Departamento de História – USP/FAPESP) e Laboratório de estudos sobre urbanização, arquitetura e preservação (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP), 2010, Apêndices 1-3, pp. 21-28 [Em linha] [Consultado em 11 de Agosto de 2011] Disponível na Internet em: <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/francisco-roque-3siahc-2010.pdf>>.

deste tipo de representações<sup>18</sup>. Há também que não perder de vista as particularidades do momento em que Cortesão se debruçou sobre o tema: exilado no Brasil enquanto decorria a Segunda Guerra Mundial, esta faceta do seu trabalho historiográfico desenvolveu-se na mesma altura em que os estudos sobre geopolítica ganhavam um espaço acrescido neste país, depois de uma época em que tinham sido dominados pelas figuras de Everardo Backheuser, Delgado de Carvalho e Mário Travassos. Seria ainda sob a responsabilidade de Backheuser que apareceriam, entre 1944 e 1945, os primeiros cursos sobre geopolítica do Instituto Rio Branco, acompanhados pelo curso ministrado no Instituto Cultural Brasileiro em 1947 e 1948. No ano seguinte, surgiu no Rio de Janeiro o Instituto Brasileiro de Geopolítica. Este fenómeno foi acompanhado pela multiplicação de artigos sobre o tema em revistas fundadas pouco antes, como a *Revista Brasileira de Geografia* (1938) e o *Boletim Geográfico* (1943)<sup>19</sup>.

Entre tudo isto, Cortesão é claro quando elege o modelo de estudos de que parte: nada menos que os esboços e ensaios de história da cartografia legados pelo barão da Ponte Ribeiro (1795-1878), Joaquim Caetano da Silva (1810-1873), o barão do Rio Branco (1845-1912) e Joaquim Nabuco (1849-1910) (*HBVM*, Tomo I, “Prefácio”, pp. 21-22). Já sabemos como terminou esta saga. Partindo da arte de resgatar dos mapas herdados dos portugueses os títulos de soberania das terras do Brasil que esta plêiade de diplomatas e estadistas tinha praticado, o estudo de Cortesão acabaria por apontar para aqueles a quem – passe certo anacronismo e facilidade que, ainda assim, não deixam de ser sugestivos – é comum ouvir chamar pioneiros do pensamento geopolítico brasileiro, Alexandre de Gusmão à cabeça.

### A terra e os homens

Os dois volumes em que surgiu impressa – e agora reimpressa – a *História do Brasil nos velhos mapas* correspondem, *grosso modo*, a uma estrutura quase dual, arquitectada desde o início pelo autor, mas que as vicissitudes dos seus últimos anos de vida reforçaram ao impedi-lo de dar forma final ao manuscrito do segundo volume. A primeira parte da obra é dominada por uma extensa introdução aos conceitos e à metodologia de carácter geográfico, escrita para auxiliar a interpretação das cartas antigas da América do Sul – e essencialmente do Brasil – que preenche a segunda parte (cf. *HBVM*, Tomo I, “Prefácio”, pp. 22-23). É manifesto que o primeiro volume é aquele

---

<sup>18</sup> Ver Yves LACOSTE, “A Geografia”, in François CHÂTELET (dir.), *História da Filosofia – Ideias, Doutrinas*, vol. 7, *A Filosofia das Ciências Sociais (de 1860 aos nossos dias)*, tradução de Eduardo de Freitas e Maria Inês Mansinho, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1977, pp. 216-219; J. R. MAGALHÃES, “Apresentação...”, pp. 15-16.

<sup>19</sup> Ver Shiguenoli MIYAMOTO, *Geopolítica e poder no Brasil*, Campinas, SP, Papirus Editora, pp. 44-76; F. R. de OLIVEIRA, “Jaime Cortesão...”, pp. 82-84.

que oferece uma redacção mais apurada, concluído que foi o processo através do qual a leitura do documento cartográfico terminou sendo incorporada na narrativa sobre os fundamentos da formação territorial do Brasil. No segundo caso, o trabalho de recriação das bases geopolíticas da nação brasileira, que era suposto ser concretizado a partir da leitura dos mapas, foi deixado num estágio intermédio de elaboração, o que se torna bem nítido observando as muitas páginas preenchidas com a listagem de cartas e a sua descrição quase em jeito de catálogo<sup>20</sup>.

O primeiro volume vem dividido em quatro partes autónomas. Na I Parte – com um título de ressonância reclusiana: “A terra e o homem” – avaliam-se os traços geográficos que concorrem para a existência e o carácter original do Brasil a partir das propostas enunciadas por Friedrich Ratzel. Nesse sentido, Cortesão discorre sobre o modo como a posição e o espaço devem ser considerados como os dois elementos nucleares responsáveis pela formação do Estado brasileiro. Depois de discutido o conceito de região natural e de dividido o Brasil em três grandes regiões botânico-geográficas, o primeiro capítulo desta Parte conclui-se com um esclarecimento teórico em favor do conceito de *possibilismo* que Lucien Febvre, Paul Vidal de la Blache e Albert Demangeon haviam anteposto ao determinismo ambiental caro à escola alemã de geografia. De caminho, Cortesão encontra espaço para colar a “geo-história” de Fernand Baudel à geografia humana e política de modelo germânico. Ainda assim, opta por não deixar cair “algumas das lúcidas vistas de Ratzel”, mas a linha de clivagem essencial estava assumida e correspondia a uma maturada reflexão, inteiramente sintonizada com o debate geográfico da época (*HBVM*, Tomo I, I Parte, I, pp. 27-43).

Os dois seguintes capítulos da Parte I são dominados pela definição dos “géneros de vida” dos povos que habitaram o Brasil na era pré-cabralina e durante a colonização portuguesa. Uma vez mais, Cortesão parte das premissas essenciais da geografia francesa da primeira metade do século XX, insistindo nas manifestações da base material da existência que teriam moldado a pretendida unidade humana e cultural do Brasil aborígene e a aparente repetição desse padrão no momento colonial, pesem embora as diferentes capacidades de resposta ao quadro natural entretanto trazidas pelos europeus (*HBVM*, Tomo I, I Parte, II: “Fundamentos pré-históricos: o aborígene nas suas relações com a terra”, pp. 45-71; *ibid.*, Tomo I, I Parte, III: “O português e a formação territorial e política do Brasil”, pp. 73-105).

Entre todos os traços de cultura do ameríndio brasileiro, Cortesão não demora a destacar a percepção específica do espaço que vê como própria destes povos, correspondente à capacidade de ordenar um saber de carácter astronómico e de representar os conhecimentos topográficos adquiridos através das suas deslocações por um território imenso. O tema sugere-lhe a referência a algumas passagens do artigo “Índios e mamelucos na expan-

<sup>20</sup> Cf. J. R. MAGALHÃES, “Apresentação...”, p. 15.

são paulista” de Sérgio Buarque de Holanda (in *Anais do Museu Paulista*, tomo XIII, 1949), estudo cuja selecção de fontes e enquadramento conceptual eram em boa parte coincidentes com as investigações que Cortesão conduzia e divulgava desde 1944 e que aqui lhe interessavam pelas observações deixadas sobre os mapas índios obtidos por Karl von den Steinen e reproduzidos em *Durch Central-Brasilien* (Leipzig, 1886) (*HBVM*, Tomo I, I Parte, II, pp. 55-58).

Em simultâneo, Cortesão aplica-se a reconstruir a máxima extensão da cultura geográfica das tribos indígenas, essencialmente traduzida em duas aparentes aquisições que teriam tido a maior transcendência para a posterior expansão e unificação do território conduzida pelos luso-brasileiros: por um lado, a compenetração, por parte da cultura guarani, da existência da área interoceânica; por outro, a hipótese da cultura tupi ter adquirido uma ideia mais ou menos vaga do circuito atlântico-platino-amazónico enquanto descrevia o arco de círculo correspondente às suas viagens pelo interior do continente. A isto somava-se o entendimento da vasta unidade económica que os aruaque tinham estabelecido sobre o circuito fluvial do conjunto formado pelo Amazonas, Madeira e Negro-Orinoco (*HBVM*, Tomo I, I Parte, II, pp. 62-71). A fundação colonial dos portugueses na América do Sul, conclui Cortesão, consubstanciar-se-ia, em boa medida, sobre este embrião de território cuja unidade tanto era servida por factores geográficos e económicos, como pela representação abstracta do espaço percorrido. E outra vez Ratzel: as navegações oceânicas e a expansão sobre o planeta haviam amadurecido nos portugueses um “excepcional sentido do espaço e das suas possibilidades, o *raumsinn*”, o qual, em essência, assentava na mesma “base vital e orgânica” própria dos povos índios (*HBVM*, Tomo I, I Parte, III, pp. 99 e 105).

A II Parte do primeiro volume da *História do Brasil nos velhos mapas* vem dedicada às escolas cartográficas do Ocidente cujos produtos Jaime Cortesão entendia que mais ajudavam a esclarecer a história do Brasil. Uma breve digressão sobre a ciência náutica portuguesa introduz a escola lusa. Para este caso, Cortesão começa por recuperar algumas das principais teses sobre o contributo pioneiro de Portugal para a criação da náutica astronómica devidas aos historiadores portugueses Joaquim Bensaúde (1859-1952) e Luciano Pereira da Silva (1864-1926) (*HBVM*, Tomo I, II Parte, pp. 110-117). Neste particular, o seu texto apresenta múltiplos pontos de contacto com alguns dos trabalhos que ele mesmo tinha publicado na década de 1930, em particular com o livro *L'Expansion des Portugais dans l'Histoire de la Civilisation* (editado em 1930, por ocasião da Exposição Internacional de Antuérpia) e o capítulo intitulado “Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização”, incluído no volume IV da *História de Portugal* dirigida por Damião Peres (1932)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Ver Ricardo SARAIVA, *Jaime Cortesão – Subsídios para a sua biografia*, Lisboa, Seara Nova, pp. 48-52; A. T. da MOTA, “Jaime Cortesão...”, pp. 45-49 e 51.

A difusão da ciência náutica portuguesa na Europa, tema axial desta série de textos mais antigos de Cortesão, perspectiva-se aqui a propósito de figuras e obras como as de Martín Fernández de Enciso, Francisco Faleiro, João Afonso (Alphonse de Saintonge), Cristóvão Colombo, Pedro de Medina, Martín Cortés, William Bourne, John Dee, Jan Huygen van Linschoten e Melchisédech Thévenot. Seguem-se considerações particulares sobre a arte cartográfica de Quatrocentos e Quinhentos que primeiro aproveita da revolução operada na ciência náutica portuguesa. Completa-as um novo – e extenso – conjunto de exemplos sobre a forma como as inovações introduzidas pela cartografia portuguesa passaram à cartografia praticada nas principais nações marítimas da Europa. A fechar, são revistas de modo comparativamente mais abreviado as principais características, filiações e contributos técnicos dos *ateliers* cartográficos franceses, holandeses e ingleses. Pensando no Brasil, antecipa-se o contributo que a França, por via da aplicação do método astronómico à cartografia, veio a emprestar à renovação da cartografia portuguesa do reinado de D. João V (*HBVM*, Tomo I, II Parte, pp. 113-143).

### A jangada brasileira

É sabido que uma das ideias centrais do pensamento de Jaime Cortesão correspondeu à definição do chamado “mito da Ilha-Brasil” e à sua projecção no tempo, esta de tal modo prolongada que a poderíamos reencontrar no pensamento de Alexandre de Gusmão e subjacente à estratégia diplomática arquitectada por Portugal para a negociação do Tratado de Madrid. Esta “concepção estrutural”, que começa como uma intuição geográfica e acaba confundida com a própria ideia de nação brasileira, constitui uma premissa sobre a qual assenta toda a análise geopolítica que o historiador português consagra ao Brasil. Nesse sentido, os mapas antigos funcionariam como um reflexo particularmente tangível da consciência precoce da unidade a um tempo geográfica, económica e humana desse território inteiro e da vontade política de o controlar. Primeiro a junção entre o rio Paraná e o rio Paraguai, mais tarde as bacias do Prata e do Maranhão (Amazonas) entrelaçadas, são os rios – como a lagoa ou as lagoas que lhes podem aparecer de permeio – a tecer uma entidade que já seria distinta na imaginação dos povos antes de ter sido apropriada pelo cálculo diplomático e militar daqueles a quem coube justificar e defender fronteiras<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Ver, *inter alia*, V. M. GODINHO, *Mito e Mercadoria...*, pp. 228-229; Maria Fernanda ALEGRIA, “Representações do Brasil na produção dos cartógrafos Teixeira (c. 1586-1675)”, *Mare Liberum*, Lisboa, n.º 19, Dezembro 1995, pp. 194-195; R. H. MOSER, “O contributo ...”, pp. 248-250; Maria Fernanda ALEGRIA, “A produção cartográfica portuguesa sobre o Brasil (1502-1655): tentativa de tipologia espacial e temática”, in Maria do Rosário PIMENTEL (coord.), *Portugal e Brasil no advento do Mundo Moderno*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 73-76; André Ferrand de ALMEIDA, *A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa*



Ocupando-se do “Tratado de Tordesilhas e da sua expressão cartográfica”, conforme o título do primeiro capítulo da III Parte do volume I da *História do Brasil nos velhos mapas*, Cortesão prepara a sua interpretação sobre as relações existentes entre os mais antigos mapas portugueses do Brasil e a pretensa insularidade brasileira. Porque esta suposta coerência geo-económica e mental não cabia na estreita faixa que este convénio afetara a Portugal, desde cedo se forjara uma representação mais consentânea com as ambições portuguesas. Continuando a seguir a sua ideia, esta imagem tanto teria passado por uma falsificação deliberada dos traçados, como por um permanente jogo de sombras, envolvendo o sigilo ou o segredo da Coroa, de modo a consumir mais facilmente apropriações de território insondado pelos rivais – no essencial, dois modos distintos de conseguir o mesmo.

No capítulo que vem a seguir, intitulado “O descobrimento dos litorais e os primeiros mapas do Brasil”, descrevem-se vários dos mais antigos mapas que ajudam a recuperar o sentido desta “deformação geral do mundo, espécie de caricatura geográfica, com fins de soberania política” (HBVM, Tomo I, III Parte, II, p. 256). Entre as cartas arroladas para ilustrar esta que é hoje uma das mais discutíveis interpretações historiográficas de Cortesão, destaque para os planisférios de Cantino (1502), King-Hamy (c. 1502), Nicolo Caverio (c. 1504), Vesconte de Maggiolo (1504), Jerónimo Marini (1512), Michiel Barbolan (1514), o mapa do Brasil inserto no *Atlas Miller* de Lopo Homem-Reinéis (1519), o planisfério dito Kunstmann IV (1519), os mapas-mundo de Diogo Ribeiro (1525-1529) e a carta atlântica de Gaspar Viegas (1534).

Esta mesma tese tem sequência imediata na IV Parte do primeiro volume da obra, que acompanha a pretensa deriva do “mito da Ilha-Brasil” até ao tempo e aos territórios abrangidos pelas “primeiras bandeiras à busca dos limites insulares” (HBVM, Tomo I, IV Parte, II), tal como durante o descobrimento e ocupação do vale amazónico, centrado na viagem de Pedro Teixeira e no seu acto de posse no rio do Ouro (HBVM, Tomo I, IV Parte, III). Entre os documentos cartográficos que teriam coadjuvado, ou tão-só reflectido, todo este processo de afirmação consciente de uma razão geográfica de Estado contra os “ditames artificiais” de Tordesilhas, encontra-se o planisfério de André Homem de 1559, o mapa-mundo de Bartolomeu Velho de 1561, a carta atlântica de Luís Teixeira de c. 1600, a carta geral do atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I de 1642, a carta da América meridional de Nicolas Sanson de 1650 e a carta da bacia amazónica apensa à *Relation historique et géographique de la grande rivière des Amazones dans l’Amérique* de Blaise François de Pangan (Paris, 1656), aos quais Cortesão agrega pas-

---

(1713-1748), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 41-43; Íris KANTOR, “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polémicas cartográficas e historiográficas”, *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, n.º 37, Janeiro/Junho 2007, pp. 70-77 [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a05.pdf>>; J. R. MAGALHÃES, “Apresentação...”, pp. 15-16.

sagens retiradas de obras geográficas de carácter mais geral, caso da *Cosmographie* (c. 1544) e das *Voyages aventureux* (1559) de João Afonso.

Para o segundo volume da *História do Brasil nos velhos mapas* está guardado o tratamento dos grandes temas da história do Brasil seiscentista e setecentista à luz da cartografia coeva. O domínio do nordeste brasileiro pelos holandeses, principal desafio no caminho para a integração plena do Brasil português, surge descrito ao longo dos três capítulos que compõem a I Parte deste tomo: “A economia do açúcar e a conquista holandesa”. Retomando o tema do citado artigo publicado na revista *Brasil Açucareiro* em 1945, Cortesão regressa aqui ao estudo da importância da economia do açúcar na história brasileira do século XVII e da forma como a cartografia, “mais e melhor que nenhum outro documento”, ajuda a compreendê-lo (HBVM, Tomo II, I Parte, I, p. 21). A leitura retoma também o conteúdo do *Roteiro de todos os sinais – o Atlas-roteiro* atribuído a Luís Teixeira (c. 1586) que Cortesão abordara no final do 1.º volume (HBVM, Tomo I, IV Parte, II, pp. 417-426) –, continua com uma análise sumária da produção cartográfica de João Teixeira Albernaz I e João Teixeira Albernaz II e termina a comparar todo esse conjunto de mapas portugueses quer com a *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova* de Georg Marcgraf (1643), quer com as cinco cartas parciais do Brasil holandês insertas no Atlas manuscrito de Jan Vingboons (c. 1665) (HBVM, Tomo II, I Parte, II, pp. 31-42)<sup>23</sup>.

Este ponto tem imediato seguimento na II Parte, dedicada a um conjunto de atlas que Cortesão avaliza como particularmente útil para o esclarecimento de alguns dos aspectos nucleares da expansão territorial e da formação económica do Brasil – “Os atlas dos Teixeiras e o seu significado histórico”. Mais do que qualquer outro assunto, continua a interessar-lhe a decifração do significado político subjacente à feitura desta série de obras da família Teixeira, seja no que toca à definição da fronteira com o domínio castelhano na América do Sul, seja no que respeita à afirmação de uma “razão” geográfica para o “Estado do Brasil”, seja ainda quanto à questão central da revelação da hidrografia do interior (HBVM, Tomo II, II Parte, I-IV, pp. 52-100). As possíveis lições das cartas dos Teixeiras serão ainda pesquisadas quando se tratar de sumariar o processo que desembocou na fundação da colónia do Sacramento (HBVM, Tomo II, III Parte, IV). Entretanto, será à volta da geopolítica das missões jesuíticas do Paraguai, das bandeiras paulistas e dos feitos de Raposo Tavares que Cortesão discute o aparente paradoxo dado pelo facto de, como diz, o movimento geral das bandeiras estar longe de se reflectir na cartografia com a mesma frequência e amplitude das penetrações que os bandeirantes realizaram nos sertões (HBVM, Tomo II, III Parte, I, p. 103).

Estão hoje longe de ser consensuais várias das propostas que Jaime Cortesão lançou para responder a boa parte destas mesmas questões. Que o

<sup>23</sup> Ver M. F. ALEGRIA, “Representações do Brasil...”, pp. 195-196; idem, “A produção cartográfica...”, pp. 76-79.

sigilo imposto pela Coroa portuguesa à circulação dos mapas possa ter condicionado todo este processo de difusão é apenas uma das hipóteses por si avançadas que continua a não reunir consenso. Outro tanto a propósito dos pesos a atribuir à iniciativa oficial e aos interesses privados no processo das bandeiras (ou, pelo menos, em algumas delas), com todas as consequências que daí decorrem para a leitura da razão de ser dos mapas serem mais ou menos omissos quanto à representação dos territórios desbravados para Sul e para o interior da região de São Paulo. No essencial, já Sérgio Buarque de Holanda intuía boa parte de tudo isto quando, em 1952, debateu cordialmente com Jaime Cortesão a tese da “geomítica da ilha-Brasil” na sequência do aparecimento do 1.º volume dos *Manuscritos da Colecção De Angelis*, sobre os jesuítas e bandeirantes no Guairá<sup>24</sup> (principais textos de Holanda sobre este tema: in *Diário Carioca*, 22 e 29 de Junho e *Folha da Manhã* de São Paulo, 24 de Junho, 1 e 10 de Julho; principais réplicas de Cortesão: in *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, 1 de Junho, 13 e 27 de Julho de 1952<sup>25</sup>).

Na maioria das cerca de 250 páginas que perfazem a IV Parte do 2.º volume da *História do Brasil nos velhos mapas* Jaime Cortesão retoma muitos dos tópicos – e até a letra – que alinhara na sua obra sobre Alexandre de Gusmão, os antecedentes, as negociações e a execução do Tratado de Madrid. Tal como fizera nesse trabalho, Cortesão começa por tecer considerações gerais sobre o “renascimento da cultura geográfica e cartográfica de Portugal” ocorrido durante o reinado de D. João V, passando logo depois a avaliar a expressão desse progresso nos resultados trazidos pelas cartas geográficas do Brasil elaboradas pelos jesuítas Diogo Soares e Domenico Capacci durante a década de 1730 (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, I). Do mesmo modo, revisita a biografia de Gusmão e a forma como os princípios levados à mesa de negociações com Espanha para o acerto das fronteiras comuns na América meridional havia decorrido de cerca de duas décadas de sistemático inquérito geográfico, o qual acabaria exposto no plano português de limites, de 1748, e no Mapa das Cortes, do ano seguinte. Segue-se a reportagem sobre as partidas do Sul e do Norte e as respectivas cartografias – mais alargada aqui, diga-se, do que no livro dedicado a Alexandre de Gusmão e ao Tratado de Madrid. Já a propósito da execução do Tratado de Santo Ildefonso (1777), assinala-se a principal produção cartográfica daí resultante. Será este um dos pontos que mais se ressentiu do facto de Cortesão não ter

<sup>24</sup> Ver Sérgio Buarque de HOLANDA, “Um Mito Geopolítico: A Ilha Brasil”, in *Tentativas de Mitologia*, São Paulo, Editorial Perspectiva, 1979, pp. 68-94; M. F. ALEGRIA, “Representações do Brasil...”, pp. 202-203; A. F. de ALMEIDA, *A formação do espaço...*, pp. 40-42; I. KANTOR, “Usos diplomáticos...”, pp. 74-77.

<sup>25</sup> Refs. in S. B. de HOLANDA, “Um Mito Geopolítico...”, p. 73, nota 2; I. KANTOR, “Usos diplomáticos...”, p. 75, nota 11; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Central do Sistema de Arquivos – SIARQ, *Arquivos Privados. Sérgio Buarque de Holanda: Artigos de Jornais sobre Sérgio Buarque de Holanda*. Actualizado em 2002. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/guia/artigos\\_jornais.pdf](http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/guia/artigos_jornais.pdf)>

tido oportunidade de dar forma final ao livro que idealizara, senão vejam-se as extensas listas de atlas e cartas dos demarcadores das partidas do Sul e do Norte às quais ficou a faltar a descrição e análise pormenorizada dos respectivos conteúdos (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, IV).

No capítulo seguinte, dedicado aos principais cartógrafos que trabalharam nas sucessivas comissões de limites e trataram do desenho do território durante as últimas décadas do Brasil-colônia, o texto recupera parte do fôlego inicial. Ainda assim, intercala também apontamentos biográficos mais ou menos parcelares – sobre Francisco João Roscio, José Saldanha, Manuel da Gama Lobo de Almada, Ricardo Franco de Almeida Serra, Francisco José de Lacerda e Almeida ou António Pires da Silva Pontes Leme, por exemplo – com sequências relativamente pouco tratadas de cartas e planos, como aqueles assinados pelo hidrógrafo José Fernandes Portugal. Uma extensa nota de Isa Adonias tenta completar as indicações deixadas por Cortesão a respeito da constituição do acervo principal do Arquivo Militar do Rio de Janeiro, entre 1808 e 1813 (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, V, pp. 398-399, nota a).

Na mesma linha, também acabarão por ser escassos os parágrafos que o historiador português logrou completar a respeito do mapa da “Nova Lusitânia” de Pontes Leme (c. 1798) e da “Corografia Brasília” do padre Manuel Aires de Casal (1817), pontos de chegada da “consciência geográfica do território” legada em herança aos brasileiros (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, V, pp. 381-382 e 397-400). Já na V e derradeira Parte deste volume, que cobre as primeiras realizações diplomáticas com consequências no traçado dos limites do Brasil entre o momento da independência e a assinatura do Tratado de Petrópolis (1903), praticamente só a nomeação da “Carta Geral do Império”, de 1875, e das realizações do barão da Ponte Ribeiro conseguem vir acrescidas de notas que, para lá das referências aos detalhes do desenho, discutem com alguma detença as pretendidas implicações do mapa na consciência do espaço representado. As três páginas dadas ao barão do Rio Branco são exemplo eloquente da distância que acabou por se impor entre o projecto inicial e o que Cortesão conseguiu concluir antes de deixar o Brasil e a vida (*HBVM*, Tomo II, V Parte, III).

Esta grande obra incompleta de Jaime Cortesão termina quase como começara: com uma leitura sobre o “espírito da fronteira” e o modo como este terá ajudado a forjar a consciência nacional brasileira (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, V, p. 381). A expressão citada era tomada de empréstimo de Vidal de la Blache. Com isto, Cortesão mantinha-se sintonizado com os principais nomes da escola francesa de geografia, que vimos moldarem o seu entendimento sobre as relações entre a terra e o homem desde que se iniciara na reflexão histórico-geográfica, na década de 1920. Também por isto, a *História do Brasil nos velhos mapas* é um livro de uma coerência teórica irrepreensível. Mais ainda, abre tantas linhas polémicas de interpretação das relações entre os mapas e a circunstância histórica e mental em que foram desenhados (“Ilha-Brasil”, sigilo...) quantas as pistas para a análise de conceitos operacionais muito concretos, mas nem por isso menos pertinentes. Apenas

um exemplo: além do conceito de fronteira natural, na cartografia do Tratado dos Limites de 1750 definir-se-á, como pretende Cortesão, uma concepção linear de fronteira ou, em alternativa, simultaneamente linear e zonal? Por outras palavras, ainda o espaço ou a frente dos pioneiros ou já só a superstição cartográfica moderna da linha fronteira? (*HBVM*, Tomo II, IV Parte, V, p. 381)<sup>26</sup>. Uma das muitas questões maiores que este livro não encerrou, antes deixou franqueada ao futuro.

### Bibliografia

- ADONIAS, Isa, *Jaime Cortesão e seus mapas: instrumentos didáticos para a história da cartografia do Brasil*, Rio de Janeiro, [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro], 1984.
- ÁGUAS, Neves, *Bibliografia de Jaime Cortesão – Edição comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento de Jaime Cortesão*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.
- ALEGRIA, Maria Fernanda, “Representações do Brasil na produção dos cartógrafos Teixeira (c. 1586-1675)”, *Mare Liberum*, Lisboa, n.º 19, Dezembro 1995, pp. 189-204.
- , “A produção cartográfica portuguesa sobre o Brasil (1502-1655): tentativa de tipologia espacial e temática”, in Maria do Rosário PIMENTEL (coord.), *Portugal e Brasil no advento do Mundo Moderno*, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 59-89.
- ALMEIDA, André Ferrand de, *A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa (1713-1748)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- ALVES, Jorge Luís dos Santos, “A memória do lusobrasileirismo na historiografia brasileira: a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*”, in *Anais da 26.ª Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Rio de Janeiro, 2006, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 13 pp. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <sbph.org/reuniao/26/trabalhos/Jorge\_Luis\_dos\_Santos\_Alves/>
- BETHENCOURT, Francisco, “A memória da expansão”, in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. V, *Último Império e Recentramento (1930-1998)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. 442-483.
- CORTESÃO, Jaime, “História de uma História”, in *Souza Cruz – Juízos sobre a sua vida e a sua obra. Homenagens que lhe foram prestadas em 1 de Setembro de 1944 no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro/Lisboa, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 55-73.
- , *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*, vol. I, Lisboa, Portugal Editora, 1966.

---

<sup>26</sup> Ver Michel FOUCHER, *Fronts et Frontières. Un tour du monde géopolitique*, Paris, Fayard, 1988, pp. 14-16. Cf. Mário Clemente FERREIRA, *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional. Os trabalhos demarcadores das Partidas do Sul e a sua produção cartográfica (1749-1761)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 122-125.

- , *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, vol. 1, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
- , *Os Descobrimentos pré-colombinos dos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- , *História do Brasil nos velhos mapas*, 2 tomos, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- FERREIRA, Marie-jo, “Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX-início do século XX”, *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, 11 pp. Atualizado em 2004. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf)>
- FERREIRA, Mário Clemente, *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional. Os trabalhos demarcadores das Partidas do Sul e a sua produção cartográfica (1749-1761)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- FOUCHER, Michel, *Fronts et Frontières. Un tour du monde géopolitique*, Paris, Fayard, 1988.
- GARCIA, José Manuel, *O essencial sobre Jaime Cortesão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- , “Apresentação”, in Jaime CORTESÃO, *Os Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, pp. IX-XXX.
- , “Apresentação”, in Jaime CORTESÃO, *Os Descobrimentos pré-colombinos dos Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 9-11.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, “Presença de Jaime Cortesão na Historiografia Portuguesa”, in Jaime CORTESÃO, *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1974, pp. VII-XLVIII.
- , “A evolução dos complexos histórico-geográficos”, in *Ensaio II – Sobre História de Portugal*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978, pp. 17-28.
- , “Redescobrir os Descobrimentos e a Expansão Ultramarina”, in Alfredo Pinheiro MARQUES, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa – Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, pp. 7-16.
- , *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar – Séculos XIII-XVIII*, Lisboa, Difel, 1990.
- , “Portugal e a Comemoração do Centenário da Independência do Brasil”, *Oceanos*, Lisboa, n.º 49, Janeiro/Março 2002, pp. 149-152.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, “Um Mito Geopolítico: A Ilha Brasil”, in *Tentativas de Mitologia*, São Paulo, Editorial Perspectiva, 1979, pp. 61-84.
- JOÃO, Maria Isabel, “Organização da memória”, in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. IV, *Do Brasil para África (1808-1930)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, pp. 376-402.
- KANTOR, Íris, “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polémicas cartográficas e historiográficas”, *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, n.º 37, Janeiro/Junho 2007, pp. 70-80. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v23n37/v23n37a05.pdf>>



- LACOSTE, Yves, "A Geografia", in François CHÂTELET (dir.), *História da Filosofia – Ideias, Doutrinas*, vol. 7, *A Filosofia das Ciências Sociais (de 1860 aos nossos dias)*, tradução de Eduardo de Freitas e Maria Inês Mansinho, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1977, pp. 197-243.
- LEONZO, Nanci, "O mistério das Bandeiras", *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 116-124.
- , "Jaime Cortesão: um condestável em terras brasileiras", *Revista da Cátedra Jaime Cortesão*, São Paulo, vol. 1, n.º 1, 1.º semestre 1997, pp. 35-43.
- LOPES, Óscar (coord.), *Jaime Cortesão*, Lisboa, Editora Arcádia, [1962].
- MACEDO, Jorge Borges de, "A teoria da História de Jaime Cortesão", *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 57-66.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero, "No trilho de uma ambição: o poeta-historiador Jaime Cortesão (1910-1927)", *Cadernos da Revista de História Económica e Social – Cidadania e História em Homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, 6-7, 1985, pp. 27-48.
- , "Apresentação", in Jaime CORTESÃO, *História do Brasil nos velhos mapas*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 13-17.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro, *Guia de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa – Estudos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.
- MIGUÉIS, José Rodrigues, "Uma visita à Ibituruna", in Jacinto BAPTISTA (coord.), *Jaime Cortesão – Raul Proença. Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, pp. 297-301.
- MIYAMOTO, Shiguenoli, *Geopolítica e poder no Brasil*, Campinas, SP, Papirus Editora, 1995.
- MOSER, Robert H., "O contributo de Jaime Cortesão para a história da cartografia do Brasil", *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, n.º 6, Primavera 2000, pp. 237-262.
- , "The History of Cartography in Brazil in the 1940s: Jaime Cortesão's Lecture Courses", *Imago Mundi: The International Journal for the History of Cartography*, Londres, Vol. 57, Part I, 2005, pp. 70-74.
- MOTA, Avelino Teixeira da, "Jaime Cortesão, Historiador da Expansão Portuguesa", in *Homenagem a Jaime Cortesão – Alocuções proferidas na sessão de homenagem promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 26 de Janeiro de 1961, Separata da Revista 'Ocidente' – Volume LXI*, Lisboa, 1961, pp. 41-61.
- NEMI, Ana Lúcia Lana, "Jaime Cortesão e Paulo Prado: 'As afinidades electivas' na leitura da memória do Império", in *Actas do Congresso Internacional "Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e Sociedades"*, Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 2005, Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica Tropical, 12 pp. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ana\\_lucia\\_lana\\_lemi.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ana_lucia_lana_lemi.pdf)>
- OLIVEIRA, Daíse Aparecida; BARROS, Liliame S. L.; YOSHIMOTO, Celina, "No IV Centenário da cidade de São Paulo", *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 125-134.

- OLIVEIRA, Francisco Roque de, “Jaime Cortesão, cartógrafo no Brasil. Gênese e conteúdo dos cursos de História da Cartografia e da Formação Territorial Brasileira leccionados no Itamaraty (1944-1950)”, in Francisco Roque de OLIVEIRA e Héctor MENDOZA VARGAS (coord.), *Mapas de metade do mundo. A cartografia e a construção territorial dos espaços americanos: séculos XVI a XIX = Mapas de la mitad del mundo. La cartografía y la construcción territorial de los espacios americanos: siglos XVI al XIX*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa; Ciudad de México: Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México, 2010, pp. 69-106.
- , “História da cartografia brasileira e mapoteconomia segundo Jaime Cortesão: o curso do Itamaraty de 1944”, in 3.º *Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia: Agendas para História da Cartografia Iberoamericana*, São Paulo, abril de 2010 – *Memórias do evento*, São Paulo, Laboratório de Geografia Política (Departamento de Geografia – USP), Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica (Departamento de História – USP / FAPESP) e Laboratório de estudos sobre urbanização, arquitetura e preservação (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP), 2010, 28 pp. [Em linha] [Consultado em 11 de Agosto de 2011] Disponível na Internet em: <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/francisco-roque-3siach-2010.pdf>>
- PEDROSO, Alberto, “Quadro cronológico (1940)”, in Jaime CORTESÃO, *13 cartas do cativo e do exílio*, recolha, introdução e notas de A. Pedroso, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987, pp. 83-91.
- PERES, Damião, *Albino Souza Cruz: uma vida, uma obra, um exemplo*, Lisboa/[Barcelos], [Companhia Editora do Minho], 1961.
- PIMENTEL, João Sarmento e LOPES, Adolfo Norberto, *Sarmento Pimentel ou uma geração traída – Diálogos de Norberto Lopes com o autor das “Memórias do capitão”*, prefácio de Vitorino Nemésio, Lisboa, Editorial Aster, 1976.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *Jaime Cortesão – Um dos grandes de Portugal*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1993.
- SANTOS, João Marinho dos, “O astrónomo-historiador Duarte Leite”, in João Marinho dos SANTOS e José Manuel Azevedo e SILVA, *A historiografia dos descobrimentos através da correspondência entre alguns dos seus vultos (Joaquim de Carvalho, Joaquim Bensaúde, Duarte Leite e Fontoura da Costa)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004, pp. 111-151.
- SARAIVA, Ricardo, *Jaime Cortesão – Subsídios para a sua biografia*, Lisboa, Seara Nova, 1953.
- SERRÃO, Joel, “Relance sobre a vida e a obra historiográfica de Jaime Cortesão”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 7-20.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, “Cortesão no Instituto Rio Branco”, *Prelo – número especial de homenagem a Jaime Cortesão*, Lisboa, Dezembro 1984, pp. 135-141.
- SIMÕES, Nuno, “Jaime Cortesão e o Brasil”, in *Homenagem a Jaime Cortesão – Alocuções proferidas na sessão de homenagem promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 26 de Janeiro de 1961, Separata da Revista ‘Ocidente’ – Volume LXI*, Lisboa, 1961, pp. 25-40.
- TRAVESSA, Elisa Neves, *Jaime Cortesão – Política, História e Cidadania (1884-1940)*, Porto, ASA Editores, 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Arquivo Central do Sistema de Arquivos – SIARQ, *Arquivos Privados. Sérgio Buarque de Holanda: Artigos de Jornais sobre Sérgio Buarque de Holanda*. Actualizado em 2002. [Em linha] [Consultado em 7 de Outubro de 2009] Disponível na Internet em: <[http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/guia/artigos\\_jornais.pdf](http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/guia/artigos_jornais.pdf)>